



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, 4 Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Novembro

NADA de extraordinario assignalou o dia 13 de Novembro, em Fátima, durante a comemoração festiva das Aparições.

A concorrência foi apenas de alguns milhares de pessoas. A torrente caudalosa das grandes peregrinações da primavera e do estio cessara de subito para dar lugar ás romarias tranquilas, mais singelas e mais piedosas, da quadra agreste do outono e do inverno.

Todavia o numero dos enfermos era ainda bastante elevado. O recinto que lhes é destinado encheu-se por completo. Entre eles notava-se, pela sua magreza extrema e pela expressão de sofrimento que lhe vincava profundamente o rosto, uma joven de Lisboa. Transportada em maca pelos servos de Nossa Senhora do Rosário, o espectáculo do seu cruciante martyrio atrahia as atenções de todos os circunstantes, que se comoviam imenso á sua passagem, impulsionados por um sentimento nobilissimo de compaixão christã. Durante toda a manhã celebraram-se numerosas missas nos dois altares da capella nova. Varias vezes foi distribuida a Sagrada Comunhão a centenas de fieis. Em torno do pavilhão dos doentes estacionava sempre uma multidão de alguns milhares de peregrinos que se renovava lentamente e sem cessar.

Todos rezavam com fervor o terço do Rosário e outras supplicas pelos enfermos presentes. A piedade era intensa e o recolhimento profundo. Respirava-se alli, naquellas horas abençoadas, uma atmospheria fortemente impregnada de sobrenatural.

Ao meio-dia solar começa a missa dos doentes.

O silencio torna-se mais profundo do que nunca. A recitação do terço é feita pela multidão duma maneira mais intensa e com uma piedade mais emocionante.

A missa segue-se a benção do Santissimo aos doentes.

E' uma scena admirável de simplicidade e de belleza divina, que encanta e comove até ás lágrimas. Em seguida á benção geral, dada depois de cantado o *Tantum ergo*, sóbe ao pulpito o párocho do Reguengo do Fétal, rev. José do Espirito Santo, que numa linguagem popular, acessivel a todas as pessoas e com uma eloquencia que partia do coração, falou durante meia hora sobre a prática da vida christã, recordando sentidamente os acontecimentos das Aparições e referindo algumas curas maravilhosas, especialmente as do dia 13 do mês anterior. Duas horas mais tarde, a Cova da Iria estava quasi deserta.

Apenas aqui e acolá se via um ou outro peregrino, recitando uma ultima préce, cumprindo alguma promessa ou dirigindo á Imagem Sagrada da Virgem do Rosário um derradeiro adeus de saudade.

V. de M.

As curas da Fátima

Obtiveram graças que prometeram ou desejam ver publicadas e que reconhecidamente agradecem a Nossa Senhora do Rosário da Fátima:

—*D. Maria da Piedade Cabral Freire Falcão de Mendonça*, da Guarda, tendo um seu filho com apendicite, de que este melhorou logo que tomou água da Fátima.

—*Inocencia da Capa*, viuva, da Nazaré, que sofria de ulceras, tendo consultado sem resultado diferentes médicos—Temia-se a gangrena chegando-se a falar na possivel necessidade de cortar a perna. Começando a lavar-a com água da Fátima... curou-se, conservando ainda os signaes.

Veio no dia 13 de Maio de 1924, com muita gente de lá, agradecer a Nossa Senhora.

—*João Gaspar*, de 26 anos, da Charneca da Peralva, freguezia de Paialvo, que estando atacado de albumina nada conseguiu da medicina.

Entre outras fez a promessa, se se curasse desde 13 de Julho de 1923 a 13 de outubro do mesmo ano, de

ir seis mezes cada ano, de maio a outubro, enquanto fôsse vivo, á Fátima.

—*Julia de Jesus Victoria*, da Chainça, freguezia de Santa Catarina da Serra, que chegando a ter um pulmão afectado e a um grande estado de fraqueza, sonhando uma noite que seria curada por Nossa Senhora, o foi efectivamente tendo tomado durante sete dias chá de terra da Fátima.

—*D. Maria dos Santos Ferreira e Sá*, religiosa de S. José de Cluny, residente em Antony, (França) que tendo em maio de 1923 uma forte gripe e tendo durante seis dias escarros de sangue que não obedeciam a medicamentos, começaram a cessar logo no primeiro dia de uma novena e uso da água da Fátima.

—*Maria de Jesus*, solteira, de Fimalicão, freguezia das Córtes, que estando doente havia cêrca de um mês, tendo perdido a razão, se achou repentinamente curada em Fimalicão no dia 13 de janeiro (dia da peregrinação á Fátima) de 1924.

—*D. Florentina Antunes Andrade* (Rua Conde Redondo, 10 — Lisboa) que tendo se-lhe introduzido uma agulha num pé, conseguiu, invocando Nossa Senhora, passar sem operação, não sentindo incomodo algum.

—*Monsenhor Antonio Maria dos Santos Portugal*, da Ericeira, que no fim da ultima Quaresma sentindo-me muito gripado (diz S. Rev.^{ma}) sem querer ir á cama, uma noute que me tinha deitado cêdo, acordei quasi tapado da garganta e, afflicto, sentei-me na cama, acendi a luz e vendo no relógio que eram 24 horas e 20 minutos (hora média ou moderna) bebi um gôlo de água de Nossa Senhora da Fátima e lavei um pouco a garganta com ela, invocando com fé a sua valiosa protecção! Pois de manhã estava melhor e peguei logo no sono, que foi reparador.

—*Etelvina de Vasconcelos*, da Praia de Ancora, um favor recebido.

—*Gloria Pereira*, tambem da Praia de Ancora, uma graça recebida numa hora de grande afflicção.

—*Clotilde Augusta* (Rua Gonçal-

ves Crespo, 38, Lisboa), trez graças. A cura da sobrinha de uma sua amiga, que, tendo um tumor na garganta, já com a respiração tapada, começou a melhorar, sem intervenção médica, logo que recorreu a Nossa Senhora.

A sua cura de uma dôr sciatica, de que chegou a estar entrevada, e a redução de 14 anos da pena, depois de uma novena a Nossa Senhora, a um seu irmão que, 15 dias antes, tinha sido condemnado em vinte.

—*D. Francisca A. Teixeira* (Taboão) reconhecida a Nossa Senhora do Rosário da Fátima por graças recebidas, deseja publicar aqui o seu agradecimento.

—*D. Elvira Maria Julião*, residente no Rio de Janeiro, a cura de uma doença do estômago.

—*Izabel Santos Vieira e seu marido Joaquim Quintino*, da Ribeira da Lourinhã, tendo uma sua filha caída de um terraço em um alguidar de cinza quente, ficando horrivelmente queimada.

O médico declarou que tinha doença para dois ou trez mezes. Começando uma novena e loções com água da Fátima, ao terceiro dia começou a melhorar, estando curada quatorze dias depois.

—*D. Albertina Craveiro*, de Aveiro, tendo recorrido a Nossa Senhora do Rosário da Fátima em uma grande aflicção, prometeu publicar a graça.

—*Rita Mendes*, (Rua do Sol ao Campo de Santana) lavadeira do Hospital de S. José, a quem no dia 27 de janeiro deu uma dôr em uma perna ficando esta fria como se estivesse sem vida, não a sentindo nem a machendo, tendo de recolher á cama na Enfermaria de Santa Emilia. Sua amiga Cesarina da Piedade prometeu trez novenas a Nossa Senhora e no dia seguinte começou a melhorar.

—*José Pereira Alexandre*, dos Matos, freguezia de Espite, que sofria de ataques apoplecticos desde os 12 aos 14 anos, chegando a estar lesado de um lado.

Tendo a familia pedido a Nossa Senhora e tendo tomado água da Fátima, não continuou a ter taes ataques.

—*Antonio dos Santos*, casado, do Janardo, freguezia dos Marrazes, estando doente havia cerca de um ano, deitando sangue pela bôca, impossibilitado de trabalhar, recorreu a Nossa Senhora do Rosário da Fátima prometendo um sermão, um rosário e trez voltas de joelhos, o que se cumpriu em 13 de Maio de 1925.

—*José Vieira de Azevedo Coutinho*, da freguezia de S. Pedro de Porto de Mós, até á idade de 34 anos foi muito atreito a feridas.

Tendo ido á Fátima em um dia 13 de dezembro, de tal modo um sapato lhe agravou uma ferida que chegou a casa com difficuldade. Vendo o caso a agravar-se, recorreu a Nossa Senhora pondo sobre a ferida um pano molhado e terra da Fátima. O mesmo, sentindo um braço inchado, em perspectiva de coisa mais grave.

—*Manoel Gomes Junior*, dos Cabeços (Figueiró dos Vinhos), que, vendo sua esposa desenganada dos médicos e já agonizante, joelhou junto do leito com suas trez filhinhas, melhorando a doente imediatamente. Fôram em maio á Fátima agradecer a Nossa Senhora.

—*Joaquim de Souza Martins*, da freguezia do Olival, tendo sentença de lhe cortarem uma perna por cima do joelho, usando da água, recorreu a Nossa Senhora da Fátima.

—*José da Silva Ferraz Junior*, de Carcavelos de Baixo (Olival), vendo-se muito afflicto com uma pneumonia, recorreu a Nossa Senhora, começando logo a melhorar.

—*D. Maria da Conceição Figueiredo Soares de Albergaria*, agradece a Nossa Senhora da Fátima duas graças que lhe concedeu, sendo uma a cura instantanea de umas dôres fortissimas que tinha uma sua filha, e outra, a cura, de um dia para o outro, duma inflamação nos olhos de uma sua netinha, só com a applicação da água milagrosa.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte.....	1.384:500
D. Maria Teodora Oliveira.....	20:000
D. Maria Augusta d'Almeida Pinto.....	50:000
Manuel Duarte Ortigoso (Brazil).....	100:000
D. Dulce Martins d'Azevedo.....	100:000
D. Deolinda Rocha...	100:000
Soma.....	1.754:500

Fátima

Sob este titulo publicou o illustre e conhecido escriptor João Ameal, no *Jornal de Noticias do Porto*, de 17 e 20 d'outubro, dois belos artigos.

Archivamos hoje aqui o primeiro, parecendo-nos dar nisso grande prazer espiritual aos queridos leitores deste jornalzinho.

«Chego agora de Fátima, exausto e feliz. Ha grandes horas que nos levantam acima de todas as misérias, de todas as asperesas e de todas as desilusões. A hora que vivi ante hontem na Cova da Iria foi uma dessas. Caminhei leguas pela serra, sobre atalhos pedregosos e debaixo dum sol violentissimo. Mas não tenho nisso o menor valor, porque cada um dos meus passos dir-se-ia transformado numa ascensão de aza — e, ao fim da jornada, nenhum cansasso me abateu. Exausto e feliz volto de Fátima. Mas exausto de nobres emoções e feliz dum força nova que me comunicou uma coragem mais alta de viver.

Durante uma larga manhã senti-me envolvido pelo sobrenatural. Respirei uma atmosfera milagrosa. A' minha volta, o ar que servia a longos haustos enchia-me duma comovida

energia. E os meus olhos foram deslumbrados por o mais belo espectáculo humano.

Excusam de se rir os que não creem. Eu não sou um impulsivo, nem um fanático. Ha muito que me habituei a subordinar as minhas sensações á vigilância atenta da minha intelligencia. Fui para Fátima com a resolução firme de não me deixar suggestionar. Fui devotamente mas com o programa intimo de só fazer juizo sobre aquilo que se apresentasse ao meu raciocínio em evidente certeza. E, no meu regresso, posso afirmar conscientemente, com a mais equilibrada convicção, que assisti a prodigios e que em ficé de mim se passaram factos superiores á pobre sciencia dos homens.

Já na vespera, no dia 12 de Outubro, me impressionaram as caravanas que encontrei escalando a serra. Iam fervorosas e ligeiras, rezando canticos. Nem uma queixa nem uma desordem. Um exercito ardente, em marcha para Deus.

No dia 13, muito cedo, pouco depois da madrugada, o meu grupo, que ficára em Santa Catarina da Serra (mirante carinhoso sobre os montes cercados de moínhos), iniciou o seu curso em direcção á Cova de Iria. Eram algumas dezenas de figuras de aldeia, modeladas no bronze rustico dos trabalhos do campo, cantando hinos sacros atraz dos seus párcos humildes. Uns oito quilometros áridos, erçados de rochas, inhospitos e sinuosos, debaixo duma canicula cruel. A noite fora breve, quatro ou cinco horas de descanso incompleto, entre a exaltação religiosa.

Vencidas as duas horas de caminho chegamos ao lugar santo. Houve uma surpresa geral, um pismo imenso, em frente da multidão que povoava a cova da Aparição. Ranchos inumeros com seus pendões de côres mansas no ar, uma ondulação de sedas claras. A' volta do pavilhão onde se realizavam as cerimónias, milhares de creaturas febris comprimiam-se e oravam. Era como um enorme acampamento silencioso e contemplativo, unido de graça, erguendo supplicas e benções. Nada do arraijal portuguez, barulhento e bailador, orquestrado de violas e de harmonios. Uma colmeia enlevada, surdinante, espiritualizada e genuflexa. Aqui e alem, na distancia, vultos de Fra-Angélico, olhos postos no alto, simples e formidaveis, de mãos juntas. Velhos quasi seculares, trôpegos e esqueléticos, cumprindo promessas edificantes, desfiando rosários, percorrendo de joelhos a grande extensão — como estampas inverosimiveis a traçar a via dolorosa dos seus golgothas. Toda a dor humana purificada pela ascensão da fé — subindo ao céu á busca das consolacões; e dos balsamos.

Eu tenho, quasi sempre, um movimento de hostilidade ante as massas plubeias, grosseiras e anonimas, esmagadoras e barbricas. Mas ali estava perfeitamente perdido na largura ternidade, — porque os corpos tinham-se atenuado e ficavam apenas nos olhares anciosos, na ascese das atitudes, no recolhimento dos gestos, rebanhos de almas implorantes, egua-

ladas no seu infortunio e no seu vôo, parcelas de humanidade em transfiguração mística.

Por toda a manhã estranha (o sol encobriera-se e filtrava apenas uma luz sonambula de mágica) a Cova de Iria foi como um presepio bento, cruzado pelo formigueiro dos peregrinos. Ao meio-dia, a imagem da Senhora de Fátima surgiu, aos ombros dos devotos. A multidão abriu alas. Agitaram-se milhares de flamulas. Um clamor unanime, oceanico, aclamava a Padroeira. E foi um minuto máximo, um supremo e espantoso minuto de entusiasmo profundo.

A estrada não chegava para os automoveis, os carros, os animais — todos os meios de condução dos que não podiam andar. Passavam macas, levando entevados e enfermos. Em todas as faces, as lagrimas nasciam, espontaneas. E sempre, cada vez mais prolongados os ecos dos canticos e os fervores esparsos das avé-marias... Até que desceu a tarde — velando os horisontes, espalhando as primeiras penumbras. Dispersavam os peregrinos. Pouco a pouco, vagarosamente, a Cova de Iria ia ficando deserta. A muita gente ouvi eu dizer que não queria mais sair dali. Mas afinal, tinham de se resolver a abandonar o logar santo, depois de tocar a Imagem da Senhora de Fatima com as suas medalhas, os seus terços, os seus dedos tremulos.

Aqui e além, ainda se atardavam pequenos bandos. Uma ultima oração em comum, um ultimo hino, uma ultima supplica... E todos, fortes e remoçados, deixavam o abrigo sacratissimo, regressando á vila, com outro clarão nas almas e outra graça dos corações dilatados...

Só num outro artigo, que escreverei amanhã, poderei contar os factos prodigiosos a que assisti com todo o escrupulo da minha intelligencia — e que se me revelaram em perfeita clareza. Mas volto a repetir: cheguei de Fátima exausto e feliz. As horas que vivi em Fátima marcam de claridade toda a minha vida futura.

JOÃO AMEAL

Pedido de roseiras

Havendo o projecto de adornar os muros do santuário de Nossa Senhora da Fátima com roseiras, agradecemos as que mandarem entregar no próprio local, já enraizadas para serem plantadas.

E como não haverá numero sufficiente para este ano cobrir todos os muros, muito agradecemos que cada um em suas casas, por ocasião das podas, fizesse a plantação dos exemplares que tiver devoção de oferecer em 1926.

E' conveniente marcar em cada roseira o nome ou, pelo menos, a cor das rosas.

CIRCULAR

Rev.^{mo} Sr.

Aumentando de ano para ano o numero dos peregrinos que de toda a parte acodem em piedosa romagem a Nossa Senhora da Fátima, é do meu dever velar para que este movimento religioso não caia nas irregularidades que infelizmente caracterizam muitos dos actos do culto da nossa Santa Religião em Portugal.

Pelo que determinamos ao Rev.^{mo} Clero d'esta Diocese o seguinte:

1.^o — Os Reverendos Sacerdotes devem zelosamente guiar os peregrinos, atende-los no Santo Tribunal da Penitencia e ministrarlhes a Sagrada Comunhão.

2.^o — E' muito do meu desejo que nas freguesias onde se organizem peregrinações, estas sejam acompanhadas pelo Reverendo Pároco ou outro Sacerdote, seguindo pelo caminho, seja a pé ou de carro, recitando o Santo Rosário, entoando, em coro, canticos religiosos, etc.

3.^o — Todo o Clerigo d'ordens sacras d'esta Diocese, que vá á Fátima nos dias das peregrinações, deve levar vestida a batina.

4.^o — Na Cova da Iria os Reverendos Sacerdotes cumprirão as ordens que lhes der quem fôr por mim nomeado para presidir ás peregrinações, ajudando a confessar, distribuir a Sagrada Comunhão, etc.

5.^o — Até nova ordem não é permitido confessar no local pessoas do sexo feminino.

6.^o — Concedo aos Reverendos Sacerdotes extranhos á Diocese de Leiria, enquanto durar a sua peregrinação, as licenças e jurisdicções que tenham dos respectivos Ordinarios, mas encarregamos em sua consciencia os Reverendos Sacerdotes d'esta Diocese de exigir os documentos, se não os conhecerem pessoalmente.

Leiria, 6 de Outubro de 1925.

(a) † JOSÉ, BISPO DE LEIRIA

No ceu, todos seremos bellos

A belleza do corpo e, em particular, a belleza do rosto, é uma das qualidades mais ambicionadas do homem e, sobretudo, da mulher. E' ella a que mais deleita a nossa vista.

Ora isto é normal e querido pelo Creador; o que elle condemna é que façamos um idolo da nossa carne.

Esta deve obedecer ao espirito e o espirito a Deus: esta é que é a ordem.

E' fóra de duvida que a belleza será uma das qualidades dos corpos gloriosos no ceu. A Igreja diz-nos que estes corpos serão dotados de quatro perfeições físicas: agilidade, subtileza, claridade e impassibilidade.

A palavra «claridade» é uma imagem que significa antes de tudo a belleza.

Setia infantillidade entender por esta palavra só um maior ou menor grau de luminosidade, de não ver nos bemaventurados senão lampadas electricas d'uma intensidade fulgurante. Esta luz será, ao que parece, um dos attributos dos corpos celestes, mas a harmonia e a perfeição das formas é bem mais para desejar. Dizer a uma dama que ella brilhará lá em cima como uma lampada com intensidade de tantas velas não lhe causaria maior satisfação. A claridade é não só isso, mas mais e melhor que

isso. Ora é certo que sendo o ceu o logar da perfeição e de felicidade, é tambem o da belleza, mesmo fisica.

Nada nos pôde dar uma ideia da belleza da humanidade de N. Senhor no seu corpo e na sua alma. E' no ceu, sobretudo, sob todas as relações, o mais bello dos filhos dos homens.

Depois d'Elle, a Virgem Maria. *Quam pulchra es!* Como sois bella, lhe dirá Deus e lhe cantarão os anjos!

Depois de Maria, os santos na ordem da sua santidade. Quanto mais fôrem santos, mais serão felizes na sua alma e mais bellos nos seus corpos resuscitados. O ultimo dos eleitos será incomparavelmente mais bello que a mais bella creatura da terra.

No entanto poderão dizer-nos: «se um homem, feio cá neste mundo, se torna bello no ceu, já não será o mesmo mas outro individuo».

Nada mais falso.

Não ouvimos nós dizer muita vez: Fulano está mais bonito, ou fulano está mais feio?

A's vezes, uma figura que é bella aos dez annos é desagradavel aos 20, ou reciprocamente. Fica no entanto sempre a mesma pessôa. Certo rosto, agora escalavrado e encarquilhado pela velhice, já foi fresco, puro, delicado e delicioso na sua juventude.

Um individuo pôde ser desfigurado pelas bexigas, por um desastre, pela doença, ficando sempre o mesmo.

Ao contrario, Deus pôde muito bem, embelezar o rosto de um eleito sem mudar a sua personalidade. Se-

remos todos bellos, bellesísimos, no ceu, o que não nos impedirá de permanecermos os mesmos.

E sel-o-hemos na medida em que tivermos sido bons, castos e santos, durante a nossa vida.

Convém, na verdade, que a belleza da alma se reflita sobre o corpo e que o corpo seja recompensado da parte que tiver tomado na virtude e nos sacrificios da alma.

Ao contrario, os condemnados serão feios, deformes e horríveis de vêr. Não é imaginação, é um facto que vem da propria lei que rege os corpos gloriosos. Convém que a fealdade da alma se reflita sobre o corpo e que o corpo seja castigado pela parte que tomou nos vícios e torpezas da alma.

Portanto, minha senhora, quantas conclusões filosoficas e praticas deverieis tirar d'esta verdade!

Nada de pós d'arroz, de pintura, de carmim nos labios lá na outra vida! Isso, que já cá na terra é feio e detestavel, sujaria os eleitos; nada embellezaria, nem mesmo os condemnados. Sereis bella, muito bella, deslustrante de belleza, sendo piedosa e modesta neste mundo. Sereis feia, horrivelmente feia, um inferno, se tiverdes, o que Deus não permita, a desgraça de para lá ir. Ora, a «coqueterie» conduz aos amores culpáveis e estes ao abismo eterno.

Quanto mais fordes «coquetes», vaidosas neste mundo, quanto mais tiverdes procurado brilhar e deslumbrar, quanto mais usardes os braços e peito nus nessas reuniões frivolas, mais fareis penitencia no Purgatorio, (supondo que não desçai smais baixo) e menos bella sereis no ceu.

A aldeãinha rude vos eclipsará pela delicadeza e pelo esplendor da sua belleza. Quanto mais fordes humildes, simples e puras neste mundo, mais sereis bellas e triumphantes no paraizo.

Uma ambição legitima

O joven Naguere, condenado, ha pouco tempo em França, a 15 anos de trabalhos forçados, disse em pleno tribunal, após a leitura da sua sentença:

«Perdão aos jurados: a sentença é justa. Perdão aos policias: fizeram bem em prender-me. Mas nesta sala ha um homem ao qual não posso perdoar. Vêde-o: é meu pai. Educou-me sem religião, sem o temor de Deus.»

Um penitente convertido

Na guerra da França com a Holanda, um official do exercito francez, ao passar por Cambray, foi ter com o bom Fenelon e lhe disse:

— Monsenhor, dentro de poucos dias vou encontrar-me com o inimigo. Antes de entrar em batalha, sinto-me vivamente arrastado a fazer-vós a confissão das minhas faltas; mas desejaria ouvir da vossa boca eloquente as provas que demonstram a divindade da Confissão.

— Da melhor vontade, respondeu o afavel Prelado: todavia, como é natural seguir em tudo o caminho

mais curto, confessae-vos primeiro; e talvez que, depois de terdes feito esta nobre acção, me queiraes dispensar de vos dar as provas que pedis.

— Mas esse processo é empirico, balbucia timidamente o joven official, visto ser preciso praticar a confissão para conhecer os motivos dela.

— Póde ser assim em theoria, ajunta o piedoso arcebispo; vêde que é, de facto, duma efficacia certa. Cedei pois á minha idade e experiencia, senão á vossa convicção, e, na hypothese de no fim vós julgardes escusada toda e qualquer discussão, teremos ganho, um e outro, duas horas que poderemos contar, vós para a França e eu para a Igreja.

Vencido pelos acentos desta boca d'ouro, o official ajoelhou-se. Entre ele e o santo pontifice estabeleceu-se um colloquio mysterioso, que Deus cobriu com todo o amor que tem aos filhos prodigos, quando regressam ao lar paterno.

Quando a confissão terminou, o penitente chorava, e o confessor estreitando o ao peito, dizia-lhe: — Está bem! Quereis agora que vos demonstre a utilidade do que acabaes de fazer?

— Não, monsenhor, respondeu o joven official soluçando; fiz mais do que comprehendel-a: senti-a.

Uma lição

Uma manhã, ahi pelo ano de 1845, apeava-se em Ars a senhora Ettienne Poignard. Muito piedosa, habituada á comunhão frequente, esta boa alma teve a felicidade de vêr muitas vezes o Santo Cura de Ars e de confessar-se a elle.

Chegada a Ars, foi logo ouvir a Missa de M. Vianney e, no momento da Santa Comunhão, ajoelhou-se á Santo Mesa.

O Santo Cura de Ars foi distribuindo a Sagrada Eucharistia ás pessoas presentes e, quando chegou a vez da senhora Poignard, parou, continuando imóvel.

Mal se póde imaginar a agonia intima d'aquela senhora. Sem saber como explicar o proceder do Santo Sacerdote, pôs-se a recitar intimamente, no seu coração, actos de fé, esperança e caridade. Terminados elles, o Santo Cura de Ars saiu da sua immobilitude e deu-lhe a Comunhão como aos outros.

No entanto a turbação da sua alma continuava. Porque seria esta paragem? Qual a razão d'esta attitude? O que significa a grave severidade do celebrante? A dita senhora procurou logo abordar M. Vianney.

Obteve esta resposta:

— Quando se não tem feito as orações da manhã e que se tem feito uma viagem muito dissipada não se está sufficientemente disposta a fazer a Santa Comunhão.

— Foi um traço de luz. Efectivamente, a rapidez da partida tinha-lhe feito omitir a elevação matinal do coração para Deus e as conversas no carro não tinham dado occasião de compensar tal esquecimento. A culpada sentiu tanta mais confusão quan-

to ella sabia que o Santo Cura só por uma intuição sobrenatural, podia ter tal conhecimento.

Que lição para todos não é este episódio!

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	40.118:100
Impressão do n.º 38	(24.500 exemplares). 563 500
Outras despesas	117 000
Soma	40.798.600

Subscrição

(Continuação)

Jayme Justo, 10:000; Carlos Alberto da Costa Reis, 10:000; D. Maria Teresa B. C. Silva Passos, 10:000; Francisca de Jesus Mansa, 10:000; Maria de Jesus Pinho Cardoso, 5:000; Maria José Vieira, 10:000; De jornais e percentagens (D. Maria das Dores, em abril), 72:000; Lucio Ribeiro da Cunha, 10:00; D. Maria do Carmo Corte Real d'Abreu de Lima, 10:000; D. Maria da Gloria d'Abreu de Lima e Fonseca, 10:00; D. Maria Joaquina Tavares de Proença d'Almeida Garreth, 10:000; Dr. Sebastião Sarafana, 50:000; D. Emilia Pacheco Azevedo, 10:000; D. Maria Senna Martins, 20:000; D. Patrocínio Cabral Soares d'Albergaria Mendes Oliva, 10:000; Madame Torres, 10:000; Padre Augusto José Vieira, 10:000; D. Ana Tavares d'Oliveira, 10:000; D. Rosa Emilia da Costa, 10:000; D. Izabel Cortezão, 10:000; D. Maria Izabel Monteiro Reinas, 20:000; D. Maria Emilia Tinoco Lobo, 20:000; D. Eliza Nunes Mexia d'Almeida, 15:000; D. Maria Ferreira Duarte, 15:000; D. Maria Henriqueta Ribeiro Baptista, 5:000; D. Antonia Moreira Freire Veloso da Costa, 10:000; D. Clotilde Teixeira d'Almeida, 10:000; Padre Agostinho d'Oliveira Correia Leandro, 10:000; Padre Joaquim Lopes Praça, 10:000; D. Januaria Miranda, 15:000; Antonio Baptista, 10:000; João Fernandes Casqueira, 10:000; Manuel Maria Vilarinho, 10:000; Uma Irmã do Coração de Maria, 10:000; D. Laurinda Marques, 10:000; D. Joaquina Almada Oliveira, 10:000; D. Maria Albina Almada Burguete, 10:000; D. Maria Amelia Almada Albuquerque, 10:000; D. Virginia Almada Mello, 10:000; José Almada Mello, 10:000; D. Alda do Nascimento Cruz Carvalho, 10:000; José da Fonseca Castello Branco, 20:000; D. Hermínia da Fonseca Albuquerque, 10:000; João Baptista d'Almeida Carvalho, 10:000; Padre Luiz da Costa Carvalho, 10:000; Padre Antonio Rodrigues Xavier, 10:000; D. Magdalena Carrico, 10:000; D. Rosa Leandro da Silva, 10:000; D. Ana da Conceição, 10:000; D. Clotilde d'Oliveira e Souza, 10:000; Augusto Araujo de Carvalho, 10:000; Comendador João Curado, 10:000; Dr. Luiz d'Oliveira, 10:000; D. Ana Charters, 10:000; D. Irene Leitão Santos, 10:000; D. Maria Candida Colen Barreiros, 10:000; D. Miquelina Louro Fernandes, 10:000; Padre Ismael Augusto Guedes, 10:000; D. Rosa Duarte Ribeiro, 10:000; D. Maria José Lino Correia Guinjeira, 10:000; D. Maria Victoria da Silva, 10:000; D. Maria das Dores de Matos Boavida, 10:000; Padre Francisco A. da Silva Valente, 10:000; Padre Rodrigo Luiz Tavares, 10:000; D. Guilhermina Amelia Alves Fortuna, 10:000; D. Maria Emilia Barbosa Branco de Mello, 10:000; D. Rosa da Gloria Rebimbas, 10:000 e D. Gloria de Jesus Rebimbas, 10:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.